

A arte da palavra e a escrita do corpo¹

Ezequias Alves²

Renata Pitombo Cideira³

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Resumo

Este ensaio discute o conceito de corpo (d)escrito, compreendendo a linguagem como campo simbólico onde o corpo é inscrito, narrado e desejado. Neste enviesamento, a moda aparece como vetor de sentidos que molda e comunica significados. O objetivo é refletir como a literatura representa o corpo como signo estético e político, atravessado por imaginários sociais. A discussão percorre autores como Lacan, Foucault e Flusser, explorando o corpo como construção cultural e narrativa. Em linhas gerais, observa-se a literatura como espaço onde o corpo ganha visibilidade e complexidade, revelando tensões entre norma, desejo e resistência.

Palavras-chave: corpo; estética; desejo; literatura; homoafetividade.

1. Introdução

A arte é o que nos permite traduzir o Real em experiência sensível, criando formas de dizer o que não se diz, de acolher o que escapa. Representar não é apenas refletir, mas construir sentidos, como nos lembra Hall (2016). Nesse movimento, a linguagem se torna campo de disputa e criação, e o corpo se inscreve como território simbólico, onde atuam forças estéticas e políticas. Entre essas forças, destacamos a moda enquanto vetor de sentidos (Cidreira, 2005), pois ela também opera como linguagem que molda, comunica e inscreve significados sobre os corpos. A experiência

¹ Trabalho apresentado no GP 06 - Comunicação e Moda do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Cultura e Sociedade (UFBA). Especialista em Saúde Mental (PUC - Minas). Graduado em Psicologia (UNIJORGE). Licenciatura em Letras - Inglês (UCB). Professor de Línguas (Escola Pan Americana da Bahia). E-mail: ezequiasalvessouza@gmail.com.

³ Orientadora da pesquisa. Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Professora Titular da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Atua nos Programas de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura - UFBA) e em Comunicação – Mídia e Formatos Narrativos (PPGCOM -UFRB). E-mail: pitomboc@yahoo.com.br.

estética, nesse contexto, não é contemplação passiva, mas acontecimento – um modo de estar no mundo, de senti-lo e de percebê-lo (Pareyson, 1997).

Neste ensaio, proponho a discussão do conceito de corpo (d)escrito a partir de uma poética da linguagem que inscreve o corpo como forma simbólica e narrativa. Ademais, procuro compreender como o corpo emerge como enunciação, na literatura, atravessada por imaginários sociais, históricos e culturais. Apoio-me em autores como Lacan (1998b), Foucault (1999) e Flusser (2014) para pensar o corpo como superfície de inscrição e a escrita como gesto que corporifica sentidos.

2. Corpo (d)escrito

O corpo é superfície simbólica onde signos, imagens e palavras se inscrevem, moldando sua forma e seu lugar no mundo. Ao nascer, o sujeito é lançado em uma cadeia significante que o antecede – e é nessa travessia entre o nome e o olhar do Outro que o corpo se constitui, como nos ensina Lacan (1998a). Ele é, antes de tudo, linguagem: é nomeado, situado, desejado. A escrita do corpo não é apenas grafia, mas enredamento de sentidos que moldam a carne, o gesto e a forma. Destarte, a narrativa do corpo revela uma escrita marcada pela estética e veiculada pela moda, pois esta se inscreve e se constitui no sujeito e reflete os signos de um outro cultural.

Foucault (1999) nos alerta que o corpo também é superfície disciplinar, território de controle, moldado por saberes e técnicas que o tornam objeto do olhar e do poder. Mas também é invenção, criação, resistência. Na literatura, o corpo se torna narrativa: é descrito, reescrito, inventado, reinventado. Ele se inscreve como imagem, como memória e como signo, revelando as tensões entre norma e desejo, entre aparência e essência. Assim, pensar o corpo (d)escrito é reconhecer nele uma tessitura entre a matéria e o símbolo, onde se faz signo, narrativa e imagem, desvelando sentidos que o nomeiam, o performam e o reinscrevem continuamente.

3. Arte da palavra e escrita do corpo

A literatura possibilita que o corpo seja representado em sua inteireza simbólica e política. Como nos dizem Candido (2000) e Hauser (2019), a literatura revela o mundo ao mesmo tempo em que o critica. Enquanto campo estético e simbólico, a arte da palavra, atua nesse entrelugar do visível e do invisível, do dito e do não-dito, convocando-nos à experiência do texto escrito como afeto, presença e reverberação. O romance, em especial, constrói pela forma uma totalidade afetiva e histórica, integrando as fissuras do tempo (Bakhtin, 2011). Ele é estética do real, devolvendo ao mundo não apenas imagens, mas também sensações e experiências.

O corpo na literatura é signo potente: sua aparência constrói subjetividades, provoca afetos, questiona normas. A descrição física pode ser dispositivo de crítica ou reprodução, pode erotizar ou desumanizar. Outrossim, podemos afirmar que a moda nos coloca nesta relação com o outro e, em um verdadeiro jogo de aparências, atua enquanto vetor expressivo que manifesta os sentidos de uma cultura (Cidreira, 2005). Por isso, estudar a aparência é ler como a linguagem encarna o corpo e o inscreve no campo do sensível. O corpo, então, é presença simbólica que interpela, que revela regimes de visibilidade e dá a ver o que, por vezes, insiste em permanecer invisível.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora F. Bernardini *et al.* 4. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura**. São Paulo: Annablume, 2005.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 11. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- FLUSSER, Vilém. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento das prisões**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HALL, Stuart. O trabalho da representação. In: _____. **Cultura e representação**. Tradução de Anna Maria de Oliveira; Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Pallas, 2016. p. 15–64.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. Tradução: Egon Schaden. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In: **Escritos** (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a, p. 238-324.

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos** (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b, p. 96-103.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. Tradução de Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 1997.